DE QUE FORMA OS TEAS SÃO REALMENTE INCLUÍDOS NA SALA DE REFERÊNCIA

KELLY BORGES DA SILVA

RESUMO

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista exige teorias e estratégias educativas que permitam uma resposta abrangente às suas necessidades de aprendizagem e motivações fundamentais, sob pena de acabar por dificultar o seu desenvolvimento cognitivo, emocional e volitivo. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurobiológica que afeta o desenvolvimento da comunicação, interação social e comportamentos repetitivos. O número de crianças diagnosticadas com TEA tem aumentado significativamente nas últimas décadas, o que coloca a inclusão dessas crianças no contexto educacional como um desafio importante a ser enfrentado. A inclusão de crianças com TEA nas escolas regulares é um direito garantido por lei em muitos países. No entanto, a implementação efetiva dessa inclusão é complexa e exige ações coordenadas de diferentes atores envolvidos no processo educacional. Um dos principais desafios da inclusão de crianças com TEA é a necessidade de adaptação do currículo e das estratégias de ensino para atender às suas necessidades específicas. Cada criança com TEA é única em seu perfil de habilidades e dificuldades, o que demanda uma abordagem individualizada e flexível por parte dos educadores. A inclusão de crianças com TEA não apenas beneficia diretamente essas crianças, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, na qual todas as pessoas, independentemente de suas diferenças, possam participar plenamente e contribuir para o seu desenvolvimento e bem-estar.

Palavras-chave: Adaptação; Currículo; TEA.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em Tea logo vem em nossa mente as idéias de Vygotsky (1886-1934) que ocupa uma posição extremamente relevante na história da psicologia pela originalidade e sagacidade de seu pensamento no campo da educação e do desenvolvimento integral da personalidade, pensando assim podemos perceber que as suas múltiplas contribuições mesmo dada em pequeno período da sua vida, proporcionaram a compreensão cognitiva, afetiva e volitiva do ser humano em um determinado momento histórico o que de fato caracterizou por uma profunda crise nas ciências psicológicas, em cujo reducionismo estava em plena efervescência. Pensando nisso, suas ideias principais atuais e atingem vários ramos do conhecimento e da parte social, especialmente quando se fala das transformações que a educação realizou nos diferentes países para estar à altura das condições do desenvolvimento social contemporâneo. Agora, pensando em suas contribuições teóricas foram pensadas em seu ápice nas pedagogias inclusivas no qual sua suma era a responsabilidade social é a educação das crianças com necessidades educacionais especiais.

A educação inclusiva, atualmente é entendida pelo Ainscow (2015) como um momento criativo e inovador onde seu mote tem como propósito fundamental promover a presença, a aprendizagem significativa e a participação ativa de todos no que se refere uma educação convencional, daquelas que passam a correr o risco de serem extintas devido à forma como interagem com os outros ou devido às suas características biológicas ou sociais. A ideia de um modelo educacional que a barreira à exclusão não é de todo uma questão nova sem ser absoluta, poder-se dizer que teve um pensamento preeminente neste sentido, foi a de Vygotsky;

Vygotsky transformou a educação na primeira luz do século XX. Referindo-se apenas à educação das pessoas com deficiência, expressou: "aqui não só não se desenvolvem, mas a força da criança é sistematicamente atrofiada... Esta escola aumenta a psicologia do separatismo, em toda a sua natureza é anti-social e educa o espírito anti-social. Somente a reforma radical de toda a educação em geral oferece uma saída" (Vygotsky, 1995, p. 98). Assim, poderíamos dizer que Vygotsky foi um precursor da educação inclusiva ou, se preferir, um dos primeiros pensadores com desejo de caminhar em direção à integração.

Segundo Schmit (2017, p. 57):

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio de desenvolvimento complexo que se caracteriza por déficits na comunicação oral e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos sociais, além das alterações sociais, os padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades também são critérios diagnósticos do autismo.

O TEA sendo considerado uma anomalia do neuro desenvolvimento de prevalência crescente que provoca alterações persistentes em áreas fundamentais do desenvolvimento, como, podemos citar na

questão da reciprocidade social, comunicação verbal e extraverbal, comportamento e interesses. Tal implementação das práticas inclusivas nos estabelecimentos de ensino teria que considerar estas características de desenvolvimento. Sendo assim, foi necessário promover um conglomerado de ações para combater as barreiras e mecanismos que impedem a promoção de uma cultura que facilite a implementação dessas práticas e, que possa, enfim, favorecer o desenvolvimento e o bem-estar .

A abordagem histórico-cultural neste sentido passou a contribuir para o alcance desse mote, uma vez que apoiada em uma posição integradora do desenvolvimento humano, oferece a possibilidade de abordar as especificidades dos comportamentos autistas em diferentes contextos.

A TEORIA DA APRENDIZAGEM E O SEU DESENVOLVIMENTO

Vygotsky em sua teoria da aprendizagem e do desenvolvimento pontuou as diferentes áreas da psicologia evolucionista (pensamento e linguagem, a unidade do cognitivo e do afetivo, etc.). A sua axioma era fundamental onde os aspectos sócio-históricos determinaram a sua configuração da psique humana. A perspectiva evolucionista preza pelas diferentes variantes da sua análise genética (método genético-comparativo e método experimental-evolutivo), apontando que a compreensão do comportamento humano só pode ser realizada se forem estudadas e com isso as suas fases e os múltiplos movimentos que o compõem, ou isto é, sua história.

Provocando estudar os processos que dão origem à subjetividade humana, Vygotsky com sua perspectiva, e as suas peculiaridades da estrutura psíquica dos indivíduos passou a ser compreendida através da consideração da forma e do momento de sua intervenção durante o desenvolvimento. Portanto, o psiquismo humano evolui gradativamente com o passar do tempo e a chave para a compreensão das eventuais singularidades dessa evolução encontra-se na vida sociocultural do ser humano desde seus primeiros movimentos pelo mundo. E o seu método de análise genética em quatro áreas fundamentais do desenvolvimento: a primeira foi a área filogenética que incluía a formação complexa de funções psíquicas superiores exclusivas dos seres humanos; a segunda apontou para o desenvolvimento histórico-sociocultural, apontando sua influência e determinação na regulação do comportamento social; A terceira abordou a parte ontogenética, em que se justapõem duas linhas de desenvolvimento distintas (biológica e social), mas que atuam de forma dinâmica e simultânea; e por fim a microgenética, que se refere às especificidades da formação de processos psicológicos de curto prazo.

Procurando abordar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e volitivo da criança de forma abrangente, distanciando-se das posições reducionistas que dominavam a psicologia de sua época. É com as suas contribuições, o estudo do desenvolvimento humano passa a ser analisado de forma global e dinâmica onde todas as funções psicológicas superiores são produto do desenvolvimento social, e não do desenvolvimento biológico, embora este último constitua a base para a multiplicação e formação do seu caráter social. .

Com a sua visão holística de desenvolvimento passou de certa forma contribuir para a detecção e compreensão das motivações fundamentais das pessoas com TEA. Embora houve múltiplas mudanças ocorridas em termos de avaliação diagnóstica e tratamento, na prática o diagnóstico e o cuidado do TEA ainda são permeados por essa visão tradicional estagnada na concepção biológica do processo psicológico, marcada por uma forte tendência à rotulagem. A perspectiva vygotskyana, como uma abordagem que dificulta uma análise abrangente, pois parte do reconhecimento de que cada sujeito é único e irrepetível e revela as características do seu desenvolvimento pessoal em determinado momento histórico-cultural.

A avaliação diagnóstica do TEA, o DSM-V para ser realizada é necearia estabelecer certos critérios: déficits persistentes de comunicação e interação social; déficit na reciprocidade social e emocional; déficit em comportamentos de comunicação não-verbal; déficit no desenvolvimento e manutenção de relacionamentos adequados ao nível de desenvolvimento; padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades; e outras características relacionadas à falta de interesse social, reatividade e má imitação. Destaca também que o nível de adaptação aos diferentes contextos da criança com estas características será uma informação fundamental para tornar o diagnóstico eficaz (American Psychiatric Association, 2013).

A utilização desses critérios são importantes para o diagnóstico de TEA em todo o mundo passando a ser indiscutível ,sendo que ela promove um consenso na comunidade científica e clínica. Numa perspectiva vygotskyana, esta conceituação a partir de critérios clínicos não leva em consideração todas as dimensões formativas da estrutura psíquica da criança, uma vez que enfoca o déficit como mera expressão de seu aparelho neurobiológico defeituoso, mas não inclui o elemento o social e sua inter-relação dialética com o elementar (biológico) funciona como determinante no desenvolvimento da personalidade.

As bases para Vygotsky apresenta um

aparato neurobiológico e a ampla gama de fenômenos sociais que caracterizam a nossa vida em comunidade estavam intimamente relacionadas e marcadas por um desenvolvimento dialético em que os aspectos sociais acabam se tornando decisivos e determinantes. Esta relação dinâmica, que em determinados períodos do desenvolvimento percorreu caminhos paralelos, ganhando força e uma singularidade especial na sua união complexa, dá lugar à formação das funções psíquicas superiores do ser humano. Assim, para Vygotsky "...o sujeito humano ao nascer herda toda a evolução filogenética, mas o produto final do seu desenvolvimento dependerá das características do meio social em que vive" (Vygotsky, 1989, p.57).

Os processos psíquicos superiores são visto como uma categoria resultante da inter-relação entre o biológico e o social. Ou seja, o desenvolvimento do psiquismo de uma pessoa e de suas especificidades que a tornam um ser único e irrepetível estão condicionados pelo desenvolvimento e pelas qualidades da estrutura orgânica que reflete as condições socioculturais em que se forma. Por isso, a subjetividade humana contém as particularidades do mundo que a rodeia, mas sem deixar de ter caráter autônomo.

A lei genética do desenvolvimento cultural formulada por Vygotsky tem como o cerne suas funções psíquicas superiores que são formadas com base nas funções psíquicas naturais e na sua inter-relação dialética com a família, a comunidade e a cultura em sentido geral. A afirmar-se a partir desta lei que "qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes em cena, em dois níveis: primeiro como algo social, depois como algo psicológico, primeiro entre as pessoas como categoria interpsíquica, depois dentro da criança como uma categoria intrapsíquica" (Vygotsky, 1987, p.161). Isso nos permite dizer que a configuração da psique humana se dá na atividade histórica, respondendo às leis do do processo de desenvolvimento social e não ao biológico, ou seja, uma biologia ótima é vital, mas o social é o que acabará por determinar o desenvolvimento psíquico e a sua natureza interactiva.

Sendo assim um excelente ponto de partida teórico em modalidades de ensino inclusivo essa forma de compreender o desenvolvimento humano que procura potencializar a educação integral de crianças com TEA. Compreendendo que , não se trata de prestar atenção de forma superficial ou de minimizar a importância das condições biológicas, que constituem uma força problemática inquestionável no TEA, mas sim de partir da ideia de que nenhuma herança é fatal e que com o apoio social adequado pode ser resolvido pode modificar o curso das habilidades cognitivas e emocionais em direção a uma trajetória mais adaptativa do processo.

A abordagem histórico-cultural, dentro dos seus postulados percebe –se a integração dos processos cognitivos e dos processos afetivos em formas complexas de organização da personalidade humana torna-se especialmente relevante. Pensar esta unidade como um processo dialético permite a Vygotsky destacar a importância de se elevar acima "da análise metafísica isolada do intelecto e do afeto, como essências independentes, reconhecendo seu vínculo interno e unidade, libertando-se do ponto de vista da relação entre intelecto e o afeto como uma dependência mecânica unilateral do pensamento, do sentimento" (Vygotsky, 1989, p. 227).

O Ajuntamento de um processo cognitivo e afetivo como princípio vygotskyano aparece pronunciada na personalidade da criança com espectro autista; porque o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que compromete em proporções variadas o uso da cognição e das emoções na forma como aprendem e interagem. Por exemplo, pessoas autistas têm dificuldade em decodificar os estados emocionais de outras pessoas e em oferecer uma resposta empática às suas experiências. Estas dificuldades não são apenas cognitivas ou afetivas, mas as cognitivas têm implicações emocionais e vice-versa, os problemas emocionais têm envolvimento cognitivo.

O processo de ensino-aprendizagem se passar a levar em conta a unidade dialética dos processos cognitivos e afetivos como princípio regulador da personalidade, podemos apreciar a árdua tarefa que cabe aos educadores implementar o potencial das pessoas com TEA, que apresentam persistência alterações de recursos intersubjetivos e interesses restritos, para que possam ser incorporados com certa autonomia nas diferentes atividades que ocorrem em sua cultura. Portanto, o processo pedagógico matizado pela inclusão deve ser planejado a partir desta unidade, pensando na possibilidade de meninos e meninas com TEA se envolverem na execução de atividades que estimulem sua socialização.

O ensino e desenvolvimento estavam interligados, para Vygotsky mas ele ressaltou em seus textos que o ensino direciona, conduz e potencializa o desenvolvimento. Ao colocar o ensino como motor do desenvolvimento, transforma a educação numa ferramenta esperançosa que promove a colaboração e o trabalho multidisciplinar.

O papel da escola inclusiva, nesta perspectiva é como agência de socialização por excelência e principalmente tarefa disciplinar dos educadores, torna-se decisivo no desenvolvimento cognitivo, afetivo e volitivo das pessoas com TEA, pois parte de descartar a premeditação fatalista do desenvolvimento e privilegia-se a utilidade da interação so-

cial como estratégia de crescimento pessoal. Ou seja, a escola inclusiva deve focar-se em tornar visíveis e explorar as possibilidades de desenvolvimento que os alunos autistas apresentam e não reforçar com práticas inadequadas os défices persistentes que os impedem de interagir com os outros.

Vygotsky nos aproxima de um problema muito atual. Se partirmos de assumir o social como elemento determinante na formação da personalidade e no papel do ensino no desenvolvimento, então poderemos compreender que o percurso da criança com TEA não é apenas matizado pelas alterações qualitativas que são inerentes ao seu estado neurobiológico. , mas também depende em grande parte da capacidade dos estabelecimentos de ensino e dos educadores para lhes proporcionar cuidados de qualidade com oportunidades para desenvolver as competências sociais necessárias que lhes permitam interagir e participar de forma autónoma em diferentes atividades educativas e comunitárias.

Neste quadro, torna-se especialmente relevante o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), uma das grandes contribuições que Vygotsky deu ao campo da educação e na qual se basearam diferentes práticas educativas, pois é uma estratégia muito útil para promover aprendizagem desenvolvimental e significativa, embora devamos enfatizar que muitas vezes seu uso resultou em uma análise simplista e superficial de seu enunciado devido à sua aparente simplicidade.

Atualmente, ao se tratar de educar pessoas com TEA em espaços inclusivos, surgem os problemas mais relevantes: as atitudes dos professores face à inclusão, uma vez que esta pode ser uma boa alavanca de ação ou, pelo contrário, constituir um obstáculo à aprendizagem e participação dos alunos; a preparação teórica e prática dos educadores para lidar com os diferentes níveis de gravidade do transtorno e a disponibilização de recursos psicológicos e pedagógicos para responder às demandas dos familiares e às reações negativas dos pais de crianças com desenvolvimento típico. Esses desafios pendentes, embora ocorram em proporções variáveis de acordo com a cultura e organização dos sistemas educacionais, exigem ações interdisciplinares que proporcionem uma solução o mais breve possível.

Com a ciências psicológicas, o momento passou na história a ser crucial do desenvolvimento que passou a ser estudado a partir de diferentes posições epistemológicas e conceituais nas quais se destaca a abordagem histórico-cultural. Pensando nesta concepção, rejeitam-se as posições que subscrevem o reducionismo psicológico individual e assume-se que as condições sociais determinam a psicologia humana.

Ora, os sintomas do TEA interrompem o curso natural destes “períodos sensíveis de desenvolvimento” provocando um empobrecimento de competências e comportamentos essenciais para um desenvolvimento adequado e são geralmente evidentes nos domínios da interação social, da comunicação verbal e não verbal e da adaptação ao ambiente. Tudo parece indicar que as doenças genéticas seriam a principal causa. Porém, numa perspectiva vygotskyana, os fundamentos biológicos do comportamento não determinam em última instância o desenvolvimento, por isso é necessário intervir de forma intensa e oportuna, utilizando todas as estratégias educativas disponíveis em colaboração com a família e a comunidade para tentar modificar o curso do TEA em direção a uma trajetória de desenvolvimento mais adaptativa.

A DESCOBERTA PRECOCE DO TEA

O papel em que a detecção precoce no prognóstico do TEA desempenha é inegável e a intervenção precoce deve ser considerada como um aspecto fundamental na previsão do desenvolvimento pessoal e social. Os procedimentos psicológicos e pedagógicos realizados em ambiente normalizador e facilitador do estabelecimento de relações interpessoais e de interação linguística têm se mostrado válidos para estimular, corrigir, compensar ou prevenir dificuldades de interação social e comunicação em crianças com esta condição. . O que vai ao encontro da teoria de Vygotsky sobre a importância do enriquecimento da educação nos períodos sensíveis de desenvolvimento e formação dos processos psicológicos das pessoas com deficiência, que se formam e se desenvolvem sob as mesmas leis que as crianças com desenvolvimento típico e, portanto, com educação devem atender aos mesmos objetivos para todos, mas com a utilização de outros meios metodológicos.

...embora o diagnóstico precoce e estímulos adequados facilitem a inclusão no ambiente escolar e social, é preciso estar ciente, que essas crianças precisam de acompanhamentos educacionais específicos, especializados e individualizados e que as adaptações e inclusão dos aplicativos digitais não seja uma mera coincidência da rotina cotidiana, mas sim, um meio de apoio relevante ao desenvolvimento. (SILVA, 2008, p.37)

Podemos afirmar de acordo com a perspectiva vygotskyana que a educação infantil em ambientes inclusivos é transcendental para crianças com TEA. Por isso, sublinhamos mais uma vez, pela sua relevância, que os educadores não devem focar-se no défice com uma visão fatalista do

desenvolvimento, mas sim intervir de forma oportuna e dedicada, explorando a riqueza da interação social e envolvendo a família e a comunidade em todas as ações educativas possíveis.

A nossa existência pessoal tem como uma parte principal o ambiente familiar; onde ali são transmitidas experiências educativas fundamentais e a sua preparação adequada contribui para um melhor funcionamento para garantir as condições necessárias ao desenvolvimento socioemocional das crianças desde as primeiras fases da vida. É importante ressaltar que o funcionamento do sistema familiar adquire nuances especiais com o advento de uma criança com TEA, uma vez que os desafios de compreensão, explicação e educação inerentes ao transtorno provocam, em proporções variadas, níveis mais elevados de estresse, ansiedade e frustração de cada membro da família em comparação com a experiência familiar de crianças com desenvolvimento típico.

Visando esta ampla gama de reações emocionais adversas e problemáticas que ocorrem no seio da família afeta reciprocamente e negativamente a criança diagnosticada com esta condição de neurodesenvolvimento e pode até servir para reduzir os efeitos positivos da intervenção realizada por outros agentes socializadores. É possível afirmar que a atenção e orientação constante da família como agência socializadora por excelência é útil para o processo educativo da criança com TEA. Essa tarefa começa a partir do próprio diagnóstico, quando a família participa da avaliação diagnóstica da criança, recebendo todas as orientações pertinentes de neuropsiquiatras, psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, etc.

Faz –se necessários diferentes estratégias e programas de intervenção precoce têm sido realizados para ensinar e promover comportamentos parentais que ajudem a quebrar a “cerca emocional” da criança com TEA e também lhes permitam superar o estresse, a depressão e a angústia de sua criação.

É necessário acrescentar que, a partir da escola inclusiva e comprometida com a transformação social, podem ser implementadas ações que contribuam para a educação familiar e garantam a sua participação e colaboração em atividades que visam o desenvolvimento mental e social das crianças com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vygotsky com a sua abordagem histórico-cultural constitui-se um excelente ponto de partida para realizar a educação e a socialização de crianças com TEA nas condições de desenvolvimento social contemporâneo.Com base nesta perspectiva, não só se dimensiona a importância da biologia, mas também como suporte básico e elementar, mas também se reconhece a interação social, a importância da estimulação nos primeiros anos de vida, o papel da família, o papel dos educadores e da família. -ação comunitária, como aquela que determina a configuração da personalidade da criança, principalmente com características complexas no seu neurodesenvolvimento.

Os seus postulados na educação aplicados nos afasta de uma visão fatalista do desenvolvimento, ao reconhecer que os processos psicológicos das crianças com TEA são organizados sob as mesmas leis das crianças com desenvolvimento típico. Portanto, a tarefa da escola que busca atender a diversidade de todos os seus alunos reside em compreender o quanto varia o desenvolvimento das pessoas com TEA de quando e de que forma é mais conveniente estimular o seu desenvolvimento, contando com a colaboração interdisciplinar e em participação oportuna da família.

Pensando assim, não se trata de abordar a complexidade do TEA como uma simples soma de defeitos neurobiológicos, mas sim contribuir com uma análise holística que devem permear em todos os momentos em que se possa decifrar elementos--chave na sua evolução psicológica, familiar e social. desenvolvimento. Passando assim, assumir o desenvolvimento da personalidade do autista podendo trazer mudanças positivas na sua detecção, educação e desenvolvimento, uma vez que o TEA é visto como um problema social. Sendo assim, numa posição vygotskyana vale destacar nos estabelecimentos de ensino as características positivas que as pessoas com esta condição apresentam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AINSCOW, M. Lutas pela equidade na educação: As obras selecionadas de Mel Ainscow . Routledge. 2015.

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais , Quinta Edição . Associação Psiquiátrica Americana. 2013.

ANH, DTK E MARGINSON, S. (2013). Aprendizagem global sob as lentes da teoria sociocultural vygotskiana. Estudos Críticos em Educação, 54(2), 143-159.

CARRERA, B. E MAZZARELLA, C. Vygotsky: abordagem sociocultural. Educere , 5(13), 41-44. 2001.

SCHMIDT, Carlos; FINATTO, Mariele;

FERREIRA, Lívia. Atendimento Educacional Especializado e Autismo: Uma Aproximação as Práticas Baseadas em Evidências. Disponível em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3990/7452>. Acesso em: 2 jun.2024.

SILVA, Lázara Cristina da. A LDB, As Políticas Públicas e a Formação de professores rumo ao paradigma da inclusão educacional, In: SILVA, Maria Vieira e MARQUES Mara Rúbia Alves (orgs). LDB: Balanços e perspectivas para a educação brasileira. Campinas. SP. Alínea. 2008.

VYGOTSKY, L. História do desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores . Cientista Técnico. 1987.

VYGOTSKY, L. Fundamentos de Defectologia , Obras Completas , Volume V. Pessoas e Educação. 1989.

VYGOTSKY, L. Obras completas . t. V. Fundamentos da Defectologia. Pessoas e Educação. 1995.

VYGOTSKY, L. Ferramenta e sinal no desenvolvimento da criança. As Obras Coletadas de LS Vygotsky, Vol 6. Kluwer Academic/ Plenum Publishers. 1999.

VYGOTSKY, L. Interação entre aprendizagem e desenvolvimento. IN: compilador AL Segarte. Psicologia do Desenvolvimento Escolar . Seleção de leituras . (págs. 45-60). Félix Varela. 2003.